



# LIÇÃO 04

27 de Abril de 2025  
2º TRIMESTRE 2025  
ADULTOS

**Murilo Alencar**

## **Jesus – O Pão da Vida**

# Esboço Da Lição 04

## Do 2º Trimestre

### De 2025

Por Murilo Alencar

#### DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

#### SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

**É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.**



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

**E O VERBO SE FEZ CARNE**  
*Jesus sob o Olhar do Apóstolo do Amor*

Domingo, 27 abril de 2025

**JESUS – PÃO DA VIDA**

**O QUE ESTUDAREMOS?**

Vivemos em uma era de abundância material e carência espiritual. Muitos correm atrás do “pão que perece”, mas continuam famintos por dentro. Nesta lição, somos conduzidos à revelação gloriosa de Jesus como o verdadeiro Pão da Vida, aquele que desceu do céu para saciar a fome mais profunda da alma humana. Ao estudarmos o milagre da multiplicação e as palavras impactantes de Cristo, veremos que não é o alimento físico que sustenta eternamente, mas a comunhão com Aquele que dar a vida. Vamos juntos, aprender a Palavra de Deus.

**TEXTO ÁUREO – COMPARAÇÃO DE TRADUÇÕES**

Próximo da Páscoa, pouco depois de multiplicar pães e peixes e alimentar uma grande multidão, Jesus declarou ser o pão da vida, o pão vivo que desceu do céu (Jo 6.25–59). Ele estava, com isso, sugerindo que as pessoas precisam de mais coisa que o pão material; elas precisam de alimento espiritual que apenas Ele podia oferecer.

Curiosidade.

Algumas traduções da Bíblia para povos indígenas e nativos, como os esquimós (inuítas) do Ártico, precisaram adaptar palavras e imagens para transmitir sentido, já que muitos conceitos bíblicos não existem na cultura local. Para eles, não há pão como alimento básico. Logo, traduzir literalmente “pão da vida” resultaria numa expressão sem sentido vital ou emocional.

Alguns relatos missionários contam que a expressão “Jesus é o pão da vida” precisou ser contextualizada como:

- “Jesus é o arroz da vida” (em culturas asiáticas).
- “Jesus é a mandioca da vida” (em tribos amazônicas).
- “Jesus é o peixe ou foca da vida” (entre esquimós).

Isso não é uma adulteração da Palavra, mas um esforço legítimo para levar o sentido real da Escritura a um povo que, de outra forma, não entenderia a mensagem do Evangelho.

## VERDADE PRÁTICA

*Jesus é o Pão da Vida que sacia a fome espiritual de todo ser humano.*

Vamos começa, portanto, movimentado toda a classe e fazendo uma interação instrutiva com fins didáticos. Mostre que Jesus usou a situação concreta da fome para revelar uma verdade espiritual eterna: Ele é o Pão que desceu do céu.

Breve atividade:

Distribua pedaços de papel com a frase “Estou com fome de...” e peça que os alunos completem com algo espiritual que sentem faltar. Depois, leia alguns (com permissão) e ore com a classe pedindo que Jesus supra essas necessidades.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

## I. JESUS, A MULTIDÃO E O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

### 1. 1. A multiplicação de pães e peixes.

**A LIÇÃO DIZ:** *A narrativa do milagre dos pães e peixes está presente nos quatro Evangelhos (Mt 14.13-21; Mc 6.42-44; Lc 9.10-17). No capítulo 6, versículo 1, João começa com a expressão: "Depois disso". Esta frase refere-se aos acontecimentos que se seguiram às palavras de Jesus dirigidas aos judeus em Jerusalém, durante a provável Festa da Páscoa mencionada no capítulo 5.*

Vamos destacar alguns pontos essenciais antes de iniciar a exposição desse subponto:

- O movimento do texto bíblico. 1) O milagre da multiplicação (Jo 6.1-14); 2) O equívoco da multidão (Jo 6.26); 3) A revelação espiritual (Jo 6.35); 4) O convite de fé (Jo 6.51-58).
- O movimento da lição. Se possível, projete ou desenhe no quadro os três principais movimentos da lição: 1) A multidão busca pão; 2) Jesus dá pão físico; 3) Jesus revela o Pão verdadeiro.
- O propósito do milagre. *“Na verdade, Jesus fez diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que vocês creiam que*

*Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome*". (Jo 20.30-31 NAA).

- Há um pequeno conflito de informações entre o livro de apoio e o subponto em análise. O livro de apoio (CABRAL, 2025, p. 52) afirma: *"Isso aconteceu durante a Festa da Páscoa no capítulo 5"*. No entanto, na revista, utiliza-se a expressão "provável", em vez de uma declaração categórica, o que considero uma abordagem mais adequada, dada a ausência de identificação explícita da festa no texto bíblico.

O Evangelho de João registra, ao todo, seis referências a festas judaicas (cf. Jo 2.13; 5.1; 6.4; 7.2; 10.22; 11.55). Dentre essas, a festa mencionada em João 5.1 é a única que não é identificada pelo nome. O texto informa apenas que Jesus subiu a Jerusalém por causa de uma "festa dos judeus". A ausência dessa informação, que é incomum no estilo joanino, leva estudiosos a considerar que o nome da festa não era essencial para a intenção teológica do autor, razão pela qual ele pode ter optado por omiti-lo. João, nesse ponto, parece apenas querer justificar a presença de Jesus em Jerusalém, sem se deter nos elementos cerimoniais da ocasião.

Contudo, sabe-se que, segundo a Lei de Moisés, três festas principais exigiam a presença obrigatória dos homens judeus em Jerusalém: a Páscoa, a Festa das Semanas (Pentecostes) e a Festa dos Tabernáculos (cf. Dt 16.16; Êx 23.17; 34.23). É razoável supor, portanto, que a festa referida em João 5.1 tenha sido uma dessas três, já que o texto menciona que Jesus subiu a Jerusalém para a celebração.

Ao iniciar o capítulo seguinte, João escreve: "Depois destas coisas" (*tauta meta*, em grego – Jo 6.1). Essa expressão é uma fórmula comum no Evangelho de João e não indica, necessariamente, uma sequência cronológica imediata. Ela apenas marca o início de uma nova seção narrativa, informando que os eventos relatados ocorreram após os do capítulo anterior, mas sem especificar quanto tempo depois.

João 6.4 informa que os acontecimentos daquele capítulo ocorreram pouco antes da Páscoa. Se a festa não identificada em João 5.1 foi a Festa dos Tabernáculos, então há um espaço de aproximadamente seis meses entre os dois capítulos. Caso tenha sido a própria Páscoa, a diferença pode chegar a um ano inteiro.

- **Ponto importante:** Sou levado a crer que a festa mencionada em João 5.1 não se refere à Páscoa, mas sim à Festa dos Tabernáculos. Essa compreensão se baseia na cronologia tradicional do ministério de Jesus, cuja duração é estimada em aproximadamente três anos,

justamente a partir das menções das festas pascais registradas no Evangelho de João (cf. Jo 2.13; 6.4; 11.55). Como a Páscoa é mencionada em João 6.4 como estando próxima, isso sugere que a festa anterior (Jo 5.1) não poderia ser a mesma. Portanto, diferencio-me respeitosamente da interpretação sugerida pelo autor da lição, que na revista deixa em aberto a possibilidade de a festa ser a Páscoa. Entendo que o argumento a favor da Festa dos Tabernáculos apresenta maior coerência com a sequência narrativa e o intervalo de tempo necessário entre os capítulos 5 e 6. Todavia, reconheço que essa questão, embora interessante e legítima no campo exegético, não compromete o entendimento central da lição, sendo um ponto secundário diante da mensagem principal: a revelação de Jesus como o verdadeiro Pão que dá vida ao mundo.

## 1.2 O milagre.

**A LIÇÃO DIZ:** *Na sua narrativa, João revela o poder criador e divino que é capaz de trazer à existência aquilo que anteriormente não existia (Jo 6.11-13). Assim, o milagre da multiplicação de pães e peixes distingue-se dos milagres de cura e de outros tipos.*

Vamos ao texto bíblico:

Então Jesus pegou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, tanto quanto queriam. E, quando já estavam satisfeitos, Jesus disse aos seus discípulos: — Recolham os pedaços que sobraram, para que nada se perca. Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram depois que todos tinham comido. (Jo 6.11-13 NAA).

O milagre da multiplicação dos pães e peixes, registrado em João 6.1–13, é um dos mais impressionantes do ministério público de Jesus. Este milagre possui uma característica teológica singular: ele manifesta o poder criador do Filho de Deus.

É importante notar que não se trata de uma criação a partir do nada absoluto (*ex nihilo*), como aquela descrita em Gênesis 1, onde Deus trouxe o universo à existência sem nenhum elemento anterior. De fato, no milagre em questão, havia uma matéria-prima inicial: cinco pães de cevada e dois peixinhos (Jo 6.9). Contudo, o que torna o ato de Jesus extraordinário é o fato de que, a partir dessa quantidade insignificante, Ele alimentou milhares de pessoas, algo humanamente impossível e que ultrapassa completamente a razão e o natural.

Não houve plantio, colheita, pesca ou cozimento. O alimento surgiu nas mãos do próprio Cristo, multiplicando-se à medida que era repartido. João, já havia introduzido essa verdade em seu prólogo:

“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.” (Jo 1.3)

Ao multiplicar os pães e peixes, Jesus não apenas demonstra compaixão, mas revela sua identidade como o Verbo eterno, criador e sustentador de todas as coisas (cf. Cl 1.16-17; Hb 1.3). Diferentemente dos milagres de cura ou de libertação, em que há uma restauração, a multiplicação é uma manifestação direta do poder de criação e provisão divina.

### **Ponto apologético: Jesus fez mesmo um milagre?**

Alguns tentam explicar o milagre da multiplicação dos pães e peixes afirmando que, na verdade, o gesto generoso do menino teria levado outras pessoas a compartilharem os alimentos que estavam escondendo. Essa ideia, no entanto, é completamente infundada e contrária ao texto bíblico.

Em primeiro lugar, Jesus conhecia o coração de todas as pessoas (Jo 2.24; 6.61, 64, 70). Portanto, seria impossível enganá-lo quanto à verdadeira condição da multidão. O próprio texto afirma que o povo estava faminto, e Jesus, vendo a situação, sabia exatamente o que faria (Jo 6.5–6).

Em segundo lugar, a reação da multidão confirma que houve um milagre autêntico. As pessoas, ao presenciarem o que aconteceu, disseram: *"Este é verdadeiramente o Profeta que devia vir ao mundo!"* (Jo 6.14) E quiseram, inclusive, proclamar Jesus como rei (Jo 6.15).

Tal reação jamais teria ocorrido diante de uma simples lição sobre partilha ou generosidade coletiva. Se o episódio tivesse sido apenas fruto de uma comoção emocional ou uma manobra psicológica, a multidão não teria reconhecido em Jesus um líder messiânico de autoridade divina.

Por fim, João, ao selecionar esse milagre como um dos "sinais" (Jo 6.2), o fez com o claro propósito de testemunhar a divindade de Cristo (cf. Jo 20.30–31). Ele não o incluiria se não considerasse esse evento uma manifestação direta do poder de Deus por meio do Filho.

### **1.3 Qual era o interesse da multidão?**

**A LIÇÃO DIZ:** *No dia seguinte, encontrou novamente a multidão que queria mais pão e confrontou-a ao mostrar que buscava apenas alimento material, ignorando o verdadeiro pão do céu para as suas almas (Jo 6.27). A situação não é muito diferente hoje em dia, quando muitos se apressam atrás de milagres, mas poucos demonstram interesse pela Palavra de Deus. De fato, nosso Senhor compreende as necessidades humanas, mas Ele sabe que não são os grandes milagres que resolverão os problemas das pessoas, pois é preciso algo mais profundo para alimentar as almas.*

Vamos entender o movimento do texto bíblico e os dois contextos presentes nesse capítulo.

- O milagre. O primeiro episódio (Jo 6.1-15) se dá nas cercanias do mar da Galileia, onde Jesus realiza o milagre da multiplicação dos pães e peixes.
- O discurso. No dia seguinte, a multidão que havia se alimentado do pão físico procura Jesus novamente. No entanto, Ele não está mais no mesmo lugar. O texto bíblico informa que Jesus atravessou o mar e foi para Cafarnaum (Jo 6.24). É nesse contexto que acontece o famoso discurso do “Pão da Vida”, o qual ocorre dentro da sinagoga daquela cidade (Jo 6.59).

Jesus, então, confronta a motivação da multidão, dizendo: *“Jesus respondeu: — Em verdade, em verdade lhes digo que vocês estão me procurando não porque viram sinais, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Trabalhem, não pela comida que se estraga, mas pela que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem dará a vocês; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo”*. (Jo 6.26,27 NAA).

A crítica que Jesus dirige à multidão do seu tempo (Jo 6.26,27) permanece atual em nossos dias. A busca por bênçãos imediatas, ao invés de um relacionamento genuíno com Deus, ainda é uma realidade evidente. A “sede pelo pão que perece” manifesta-se hoje de formas variadas, tais como:

- A frequência a igrejas motivada exclusivamente por interesses materiais, como curas, empregos ou prosperidade financeira;
- A busca por líderes religiosos curandeiros, tidos como operadores de milagres, mas desprovidos de compromisso com a verdade bíblica;
- A prática de uma fé baseada em barganha emocional ou condicional, na qual o relacionamento com Deus está condicionado ao atendimento imediato de expectativas pessoais: *“Se Deus me abençoa, eu permaneço; caso contrário, me afasto”*.

Essa distorção da fé revela uma espiritualidade superficial, centrada no benefício e não no Senhor da bênção. Como nos dias de Jesus, o chamado divino continua sendo para que as pessoas busquem o alimento que permanece para a vida eterna (Jo 6.27).

Pergunta reflexiva: “Por que estou buscando a Deus? Pela presença dEle ou apenas pelos benefícios?”

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

## II. JESUS DESAFIA A FÉ DOS DISCÍPULOS

### 2.1 “E Jesus subiu ao monte”.

**A LIÇÃO DIZ:** *Que monte seria este? Não existe uma designação específica para a localidade deste monte. Tal como em toda a região montanhosa, havia algumas elevações de terreno que, embora não fossem particularmente altas, podiam servir como um local adequado para Jesus se dirigir aos seus discípulos e à multidão. Assim, Ele subiu ao monte e sentou-se com os Seus discípulos.*

A lição apresenta um movimento pendular, indo e voltando entre os assuntos. Particularmente, não aprecio esse tipo de exposição. Prefiro uma abordagem linear, em que o raciocínio seja desenvolvido de forma progressiva, pois isso tende a evitar repetições desnecessárias e favorece a clareza na assimilação do conteúdo. Neste subponto, há uma digressão: somos conduzidos de volta ao versículo três.

Então Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os seus discípulos. (Jo 6.3 NAA).

A expressão grega *to oros* não designa necessariamente uma montanha específica ou uma encosta bem definida. O termo pode simplesmente indicar uma “região montanhosa” ou uma “elevação”, e, nesse contexto, é plausível que se refira à área oriental do lago da Galileia, conhecida atualmente como as colinas de Golã.

Já a expressão “lugar deserto”, utilizada por Marcos (Mc 6.32), não contradiz essa descrição, mas antes a complementa. O texto sugere que Jesus se retirou com os discípulos para um local afastado, possivelmente com o propósito de estar a sós com eles, como o próprio evangelista Marcos deixa claro. Foi nesse cenário isolado, mas não necessariamente desabitado que Jesus viu a multidão se aproximando (Jo 6.5).

Neste lugar, Jesus identificou o estado espiritual da multidão “*Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas*”. (Mc 6.34 NAA). Além disso, o Evangelho de João oferece um olhar mais detalhado sobre o episódio, revelando que Jesus, ao observar a situação, colocou os seus discípulos à prova, com o propósito de ensiná-los e fortalecer sua fé (Jo 6.5–6).

## 2.2 O desafio para os discípulos.

**A LIÇÃO DIZ:** *O Senhor utilizou a situação de uma multidão necessitada para transmitir aos Seus discípulos uma valiosa lição. Nesse momento, os discípulos compreenderiam que muitos dos desafios da missão evangélica não podem ser superados apenas com o esforço humano. O discípulo Filipe foi colocado à prova por Jesus para enfrentar a dificuldade de alimentar essa multidão faminta (Jo 6.7-10). Aqui, o Senhor estava demonstrando a limitação humana em resolver problemas complexos.*

Jesus não ficou aborrecido quando viu a grande multidão, pensando que tumultuariam seu descanso ou seu tempo com os discípulos. Seu primeiro pensamento foi fornecer algo para que pudessem comer. Ele aproveita a ocasião para provar seus discípulos, especialmente Filipe e André. Esse momento revela um ensino profundo: o contraste entre a limitação humana e a suficiência divina.

Jesus pergunta a Filipe onde poderiam comprar pão para alimentar o povo (v. 5), mas o texto deixa claro que essa pergunta não visava obter informação: *"Mas dizia isso para o experimentar; porque ele bem sabia o que ia fazer."* (Jo 6.6)

- Filipe responde com base no raciocínio lógico e financeiro: seriam necessários duzentos denários, aproximadamente oito meses de salário, e ainda assim não seria suficiente (v. 7). Sua resposta evidencia um olhar natural, limitado às possibilidades humanas, sem levar em conta o poder e a autoridade de Cristo.
- Em seguida, André menciona um menino com cinco pães de cevada e dois peixinhos (v. 9), mas também demonstra incredulidade ao declarar: *"Mas o que é isso para tantos?"*

Ambos os discípulos reconhecem o problema, mas não conseguem enxergar a solução espiritual. Filipe se prende à falta de recursos financeiros; André, à insuficiência do que havia disponível. Nenhum dos dois contempla a presença do próprio Filho de Deus como parte da equação.

## 2.3 Uma lição de provisão.

**A LIÇÃO DIZ:** *A lição que tiramos deste episódio é que Deus nos surpreende com soluções extraordinárias. Ele manifesta o Seu poder de provisão para aqueles que acreditam nEle.*

Quero complementar a lição deste subponto, ponderada pelo comentarista, com base no que foi dito no subponto anterior e nos comentários presentes em nosso subsídio: este episódio revela que Jesus estava ensinando seus discípulos a dependerem dele em meio à escassez, a olharem além das circunstâncias e a colocarem o pouco que têm em suas mãos.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

### III. JESUS, O PÃO QUE DESCEU DO CÉU

#### 3.1 Qual é o real interesse da multidão?

**A LIÇÃO DIZ:** *O povo não percebia que a multiplicação dos pães era apenas uma representação do verdadeiro pão da vida que Jesus tinha para dar. Nosso Senhor é o pão que realmente apazigua a fome do ser humano (Jo 6.27).*

Eis aqui um exemplo clássico do problema relacionado a uma exposição com movimento pendular conforme mencionei no subponto 2.1. Por isso, reitero o que tenho mencionado durante as pré-aulas gravadas: há pontos e subpontos que merecem mais atenção do que outros.

Vamos nos empenhar em identificar, à luz das Escrituras, algumas razões que levaram a multidão a interpretar erroneamente os sinais realizados por Jesus, a distorcer seu verdadeiro significado e, por fim, a não crer nele como o Messias enviado por Deus.

- **Motivação carnal:** buscavam satisfação material imediata. *“Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não porque vistes os sinais, mas porque comestes do pão e vos saciastes”* (Jo 6.26). A multidão não buscava Jesus por quem Ele era, mas pelo que Ele fazia. O milagre foi visto apenas como provisão física, e não como um sinal espiritual. Eles queriam o pão, mas não queriam o Pão da Vida.
- **Expectativa distorcida sobre o Messias.** *“Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”* (Jo 6.14). *“Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente para o monte, ele sozinho”* (Jo 6.15). A multidão esperava um Messias político e libertador, à semelhança de Moisés. Ao verem Jesus realizar um milagre semelhante à provisão do maná, quiseram proclamá-lo rei à força.
- **Resistência à revelação espiritual.** *“Eu sou o pão da vida”* (Jo 6.35). *“Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”* (Jo 6.60). Quando Jesus declarou ser o verdadeiro Pão que desceu do céu, exigindo fé, comunhão e entrega, muitos se escandalizaram. Eles queriam um milagreiro, não um Mestre que confrontasse suas motivações.

- Rejeição consciente da verdade revelada. “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (Jo 6.66). Mesmo após ouvirem a verdade da boca do próprio Cristo, muitos o rejeitaram conscientemente. Não houve falta de ensino, mas falta de desejo por uma fé viva. Escolheram o pão que perece e recusaram o pão eterno.

### 3.2 O Pão do Céu.

**A LIÇÃO DIZ:** Não é preciso debater a respeito da identidade do "pão do céu", pois trata-se do próprio Jesus. Nosso Senhor confirma a Sua identidade divina quando diz: "Eu Sou". Há, pelo menos, sete declarações somente no Evangelho de João que autenticam essa identidade divina: "Eu sou o pão da vida" (Jo 6.35, 48, 51), "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12; 9.5), "Eu sou a porta das ovelhas" (Jo 10.7, 9), "Eu sou o Bom Pastor" (Jo 10.11, 14), "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11.25), "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14.6) e "Eu sou a videira verdadeira" (Jo 15.1, 5).

O texto bíblico nos diz:

Jesus respondeu: — Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim jamais terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede. (Jo 6.35 NAA).

A metáfora do “pão” está intimamente ligada à ideia de sustento, vida e dependência diária. Assim como o corpo humano precisa de alimento cotidiano para sobreviver, a alma humana precisa de Cristo para ter vida verdadeira e eterna. A fome e a sede mencionadas aqui não são físicas, mas espirituais. O verbo “vir” indica aproximação, entrega; o verbo “crer” expressa confiança contínua e relacional.

João 6.35 sintetiza três doutrinas fundamentais:

- Cristologia. Jesus declara ser o “Pão da vida”, ou seja, Ele é o único mediador da vida eterna, o alimento que desceu do céu (Jo 6.51).
- Soteriologia. O convite é claro: “aquele que vem a mim... quem crê em mim...”. A salvação é oferecida àquele que se aproxima com fé e se entrega plenamente.
- Suficiência de Cristo. A promessa é definitiva: “não terá fome... nunca terá sede”. Não há outro alimento para a alma. Cristo não apenas supre; Ele satisfaz completamente.

### 3.3 O que é “comer o pão”?

**A LIÇÃO DIZ:** Observamos uma mudança nas palavras de Jesus ao passar de "o pão vivo que desceu do céu" para "o pão que eu der é a minha carne" (Jo 6.51). Mais tarde, o apóstolo Paulo fez

*uma associação simbólica entre o pão da Ceia do Senhor e a carne de Jesus, afirmando: "Isto é o meu corpo" e "Isto é o meu sangue" (1 Co 11.24-25). De forma evidente, ao mencionar a partilha da Sua carne, o nosso Senhor refere-se à Sua morte na cruz, onde oferece a Sua vida em prol dos pecadores que se arrependem e creem no Evangelho, proporcionando-lhes salvação e vida eterna.*

A metáfora de “comer e beber” sugere uma apropriação pessoal da salvação. Comer é um ato íntimo, individual e necessário. Ninguém pode comer por outro. Assim, ninguém pode crer por outro. Da mesma forma que o alimento não tem utilidade se não for ingerido, Cristo não gera vida se não for recebido pela fé (Hb 4.2). Crer em Jesus é o único meio de receber a vida eterna (Jo 3.16; 5.24; Ef 2.8–9).

A Igreja Católica Romana interpreta João 6.51–59 como fundamento para a transubstanciação, a crença de que, na Eucaristia, o pão e o vinho tornam-se literalmente o corpo e o sangue de Cristo. Contudo, essa interpretação não é sustentada pelo texto de João nem pelo contexto em que essas palavras foram ditas.

Eis por que essa leitura deve ser rejeitada:

- O sacramento da Ceia ainda não havia sido instituído (isso só ocorre em João 13). Logo, os ouvintes originais não teriam como entender que Jesus falava da Eucaristia.
- Jesus promete vida eterna aos que comem e bebem dele, o que significaria que a salvação seria obtida pela Ceia, contrariando totalmente o ensino bíblico da salvação pela fé (Ef 2.8-9; Rm 3.28; Jo 3.16).
- Versículos como João 6.40 mostram que os mesmos efeitos espirituais de “comer e beber” (vida eterna e ressurreição) são atribuídos a ver e crer, ou seja, fé, e não ingestão sacramental.

## CONCLUSÃO

A revelação de Jesus como o Pão da Vida é um convite à fé profunda, à comunhão verdadeira e à dependência total dEle. Mais do que milagres ou provisão material, Ele nos oferece vida eterna, satisfação plena e relacionamento com o Pai. Ao estudarmos esta lição, somos desafiados a ir além do pão que perece, rejeitando uma fé utilitária e superficial. Que nossa fome seja por Ele, e nossa satisfação, nEle. Alimentar-se de Jesus é crer, permanecer e viver por Ele, agora e para sempre. Só Ele sacia a alma faminta.

**ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa. Tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- ZUCK, Roy B. Teologia do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- LOPES, Hernandes Dias. João: as glórias do Filho de Deus. São Paulo: Hagnos, 2015.
- MACDONALD, William. Comentário bíblico popular — Novo testamento. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- RYLE, J. C. (John Charles). Meditações no Evangelho de João. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.